

# IDENTIDADE E ALTERIDADE NA ESCOLA INDÍGENA: CONSTRUINDO O CONHECIMENTO E PRESERVANDO OS SABERES, DE GUARANI PARA GUARANI.

MARTA ANGELA MARCONDES<sup>1</sup>,  
MARILIA G.G. GODDOY<sup>2</sup>,  
FABIANA AP. ANDRADE<sup>3</sup>,  
EDSON GIMENES DA ROCHA<sup>3</sup>,  
MARILENA WACKLER<sup>4</sup>

Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS- SCSul – SP, Brasil  
e-mail: biomam@uol.com.br

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido através do seguimento cultural do projeto “Arandú Porã” que foi patrocinado pela PETROBRAS e cujo principal objetivo foi a preservação de nascentes existentes na aldeia Guarani Krucutu. A atuação com a comunidade Guarani na esfera da Educação indígena possibilitou o conhecimento da cultura e o entendimento do modo de pensar Guarani viabilizando a produção do presente trabalho;

Localizada no distrito de Parelheiros, extremo sul do Município de São Paulo, a aldeia Krucutu da etnia Guarani – subgrupo Mbya é uma das quatro aldeias que se localizam no município de São Paulo (*Tekoa Pyau, Jaraguá, Tenondé Porá e Krukutu*) e suas características chamam a atenção por alojar-se em uma Área de Proteção aos Mananciais (APM), às margens do reservatório Billings, importante recurso hídrico do município de São Paulo, além de fazer parte do Parque Estadual da Serra do Mar, da Área de Proteção Ambiental (APA) Capivari-Monos, da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo.

Na aldeia Krucutu as manifestações da cultura Guarani são evidenciadas pela manutenção das tradições, pelas características ambientais, pela presença do cemitério indígena, pelos rituais que caracterizam essa cultura, pela ação significativa dos “rezadores” cuja atuação garante a preservação da língua e das tradições, além de existirem nessa aldeia muitos programas e projetos ligados às práticas das políticas públicas.

Encontra-se na aldeia o **Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI)** que é o resultado de entendimentos entre lideranças indígenas Guarani da Cidade de São Paulo e a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. O **CECI** possui importante papel na comunidade Guarani da aldeia Krucutu e seu projeto prevê a promoção do desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social na faixa etária de 0 a 06 anos reafirmando e fortalecendo a identidade étnica, estimulando e valorando a língua materna, promovendo a transmissão da cultura oral, a recuperação, a divulgação e a preservação das histórias, saberes e tradições através da valorização e do respeito aos mais velhos (*xe ramói*).

No **CECI** é desenvolvida a educação básica por professores indígenas que se utilizam além da tradição oral, outros recursos pedagógicos e material didático. Considerando o disposto na Lei 9.394/96 em seu Art. 78 - Tomo I e Art. 79 – Tomo I e IV o Projeto Arandú Porã viabilizou a produção e publicação de material didático que atendessem a proposição legal.

Segundo Álvarez Leite, (2008) a origem do modelo de educação que, ainda hoje, é hegemônico, está vinculado à criação do Estado-Nação sendo uma ferramenta para a homogeneização de uma sociedade heterogênea, ainda citando Álvarez Leite, (2008) discutir o

<sup>1</sup> Profa. MS. Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS (Rua Castro Alves, 916, CEP: 09540030, São Caetano do Sul (SP), biomam@uol.com.br)

<sup>2</sup> Profa. Dra. Universidade São Marcos

<sup>3</sup> Monitores Projeto Arandú-Porã

<sup>4</sup> Profa. Centro Universitário de Santo André

tema da educação intercultural é assumir o caráter multicultural, pluriétnico da sociedade brasileira e romper com a idéia do povo brasileiro como uma identidade única, a Lei 9.394/96 (LDB), Art. 78 e Art. 79 reconhece o caráter multicultural na educação brasileira ao preconizar o oferecimento de uma educação escolar indígena respeitando as diferenças e proporcionando as comunidades e povos a recuperação de suas memórias históricas, reafirmação de suas identidades e valorização de suas línguas e ciências.

Atender as necessidades de uma educação indígena diferenciada e adequada ao cenário multicultural e pluriétnico implica, por sua vez, na formação de professores indígenas habilitados a fazê-lo, no entanto como nos esclarece Grupioni: “Formar índios para serem professores e gestores das mais de 1.400 escolas, localizadas em terras indígenas, é hoje um dos principais desafios e prioridades para a consolidação de uma Educação Escolar Indígena pautada pelos princípios da diferença, da especificidade, do bilingüismo e da interculturalidade. De saída, pode-se dizer que esta é uma tarefa complexa, que tem encontrado soluções muito diferentes em várias localidades do País, e para a qual não há um único modelo a ser adotado, haja vista a extrema heterogeneidade e diversidade de situações sociolingüísticas, culturais, históricas, de formação e escolarização vividas pelos professores índios e por suas comunidades.” (Em Aberto, Brasília, v. 20, n. 76, p. 13-18, fev 2003)

## OBJETIVO

Este trabalho teve por objetivo a elaboração de um material didático que atendesse a necessidade de um ensino pluriétnico e multicultural e mitigasse as dificuldades dos educadores indígenas além de ser um facilitador na aplicação de conteúdo pedagógico na escola indígena. No entanto criar um material direcionado para um determinado segmento étnico implica procurar entender esse segmento de dentro para fora. Buscar a causalidade das crenças e mitos Guarani é, de certo modo, enxergar o mundo pelo olhar Guarani. Entendemos que, como nos diz Litaiff (2004), os Mbya-Guarani interpretam o mito a partir de um modelo de conduta, modelo este que se fundamenta nas crenças coletivas, portanto, conhecendo suas histórias e suas crenças, podemos entender o seu modo de vida – (*nhanderekó*). Partindo dessa premissa foi desenvolvido um constituído material didático a partir de histórias que expressassem o modo de vida Mbya-Guarani.

## METODOLOGIA

Pelo período aproximado de dois anos foram feitas visitas na aldeia Krucutu em períodos de aproximadamente duas vezes por mês, nessas ocasiões foram feitas reuniões com os indígenas nas quais se buscou conhecer e entender sua visão de mundo e, principalmente, a maneira como construíam sua identidade Guarani.

Os conhecimentos do antigo foram contados pelos “*Xe ramo*” (avô genérico, homem mais velho, líder espiritual), pelos “*pajés*” (líder espiritual) e “*cunhã kara*” (mulher mais velha e líder espiritual). São essas pessoas as responsáveis pela tradição oral da cultura Guarani para as novas gerações. Também foram desenvolvidas reuniões com membros mais jovens e até mesmo com as crianças de maneira a possibilitar construir a percepção de uma continuidade dos saberes Guarani de uma geração para outra ainda que esses saberes estivessem permeados pela influência da cultura “*Juruá*” (não índios).

Muitas vezes as conversas que se estabeleceram com os Guarani, ao contrário dos “*juruá*”, tinham características de não continuidade, de forma que muitas histórias foram relatadas com uma construção não linear (começo, meio e fim) sendo necessário muitas retomadas do mesmo conteúdo para que pudéssemos entender as relações intrínsecas. Esse modo de contar histórias, no entanto, expressa uma maneira de entender o mundo, pois, a cultura Guarani entende a criação do mundo como “*opa mba’e*” (todas as coisas são uma só),

assim, dentro dessa concepção, a linearidade não tem um sentido referencial, pois do mesmo modo que “a parte é o todo” e “o todo é a parte”.

Os ambientes onde se estabeleceram esses diálogos também foram os mais diversos, ocorrendo em reuniões formais e também na intimidade da “*oguy*” (casa), algumas vezes na “*opy*” (casa de reza) e muitas vezes ao ar livre na aldeia ou andando nas trilhas.

Os conteúdos e vivências relatadas eram anotados no idioma português, e sempre que possível ou necessário também no idioma Guarani, sobretudo em ocasiões onde a tradução não era totalmente adequada à idéia manifesta.

Os conteúdos escritos foram digitados e transcritos para o Guarani de modo a gerar, para cada conteúdo um texto em português e outro em Guarani.

Concluída a composição textual do material foram feitas outras reuniões, desta vez apenas com as crianças com o objetivo de desenvolver ilustrações para os temas escritos. Para tanto foi fornecido ao grupo de crianças, papel em branco e farta quantidade de lápis de cor. As histórias então foram sendo contadas para as crianças de forma a que elas pudessem adentrar ao universo do imaginário e conceber uma idéia ilustrativa da história e expressá-la em forma de desenho.

Os desenhos foram identificados conforme o seu autor e tema de referencia, posteriormente foram selecionados, digitalizados e utilizados no processo de editoração para as ilustrações do material final.

Foram ainda desenvolvidos exercícios pedagógicos relativos aos conteúdos para atividade em sala de aula.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Imersos no universo Mbya-guarani dentro do processo investigatório percebemos a maneira como a cultura guarani entende a criação do mundo. Os guarani concebem não apenas o principio de todas as coisas mas também do próprio “saber” como tendo um provedor primordial a que denominam de “*nhanderu*” (nhande=primeiro, Ru=pai – em algumas literaturas escrito separadamente *Nhande Ru*). Assim chamado, “*Nhanderu*” teria feito todas as coisas, porém de modo integral e não compartimentado. “*Nhanderu*” cria o mundo Guarani com todas as suas particularidades de uma única vez, assim o céu, as estrelas, o sol e a lua, as florestas, os rios, as montanhas, os animais, e o próprio Guarani (autodenominado de “*Nhandeva*” (homem primeiro, conforme nhande=primeiro + Ava=homem) surgem de uma única vez sendo que os Mbya-Guarani representam o propósito de “*Nhanderu*”, ou seja, todas as coisas foram criadas para que o povo guarani pudesse nesse mundo viver e desfrutar das coisas e saberes que “*Nhanderu*” criara. Para os Guarani, existem ainda o conceito de um criador plural, ou seja, acreditam em várias divindades, como *Tupã*, *Jakaira*, *Karai*, ..., tendo “*Nhanderu*” como a divindade principal.

O mundo atual, no entanto, não representa o mundo originalmente criado por “*Nhanderu*”, há a idéia de uma *Primeira Terra*, entendida como “o tempo antigo do mundo”, um universo onde teriam vivido os ancestrais, um mundo perfeito em uma “*Terra Sagrada*”. Mas, esse primeiro mundo teria ficado muito “pesado” – denso – devido às imperfeições humanas (as *maldades*) e “*Nhanderu*” a teria destruído e, por compaixão, criado uma “*Terra Nova*”; a terra atual. É na “Terra Nova que surgem os outros povos indígenas e também o “juruá” (não índio) e nessa terra o modo de ser guarani fica prejudicado pelas fraquezas do homem. A invasão do mal e a chegada da civilização desequilibram o mundo sagrado, desta forma os guarani buscam mudar as imperfeições, evitar o mal e agir de forma a seguir os “tempos antigos” e alcançar a “*Terra sem males*”.

É através dos “rezadores” (líder espiritual: *pajé*, *Xe ramoi*, *cunha karai*), que se busca atingir a Terra sem males. Os “rezadores” são os sábios da cultura guarani e responsáveis pela preservação das tradições orais dos antepassados. É nas “*opy*” (casa de reza) que o povo se

reúne para receber os ensinamentos dos “rezadores”, participar dos ritos e tradições, e estabelecer um contato com as divindades.

Na cultura guarani viver nas proximidades do oceano tem significado especial, pois ele representa a extremidade da terra e o lugar onde vivem os deuses. A integração do povo guarani com a Mata Atlântica representa, portanto, a expressão da concepção religiosa de viver nas proximidades do oceano como verdadeiros guaranis, o mais próximo do imaginário do mundo criado por “*Nhanderu*”. Os guarani entendem toda a natureza como tendo uma espiritualidade inerente a ela, e que todas as coisas, lugares, plantas e animais possuem uma entidade espiritual que cuida e zela e por esse motivo respeitar a natureza implica em respeitar essas divindades, esses *protetores*. Eles tem o poder de trazer doenças aos guarani quando ficam bravos ou se sentem desrespeitados. O uso do tabaco é muito comum como uma forma de entrar em contato com o mundo espiritual e obter permissão para entrar na mata ou mesmo proteção para desenvolver uma atividade; até mesmo ações relacionadas com a sobrevivência como a coleta de material para artesanato e frutos silvestres, ou a caça e a pesca são relacionados com o plano espiritual e necessitam de “*permissão*” dos protetores. Caminhar pela mata em silêncio, ou falando em sussurros e somente o necessário é uma postura que objetiva demonstrar respeito e submissão as divindades.

Chegar a esses resultados foi um trabalho árduo e moroso, as dificuldades ficaram muito evidentes durante as entrevistas que se desenvolveram com os Guarani, pois a dinâmica cultural deles dificultou a abordagem de alguns temas. Na questão religiosa, por exemplo, embora fosse de domínio geral dos guarani não era um assunto totalmente “permitido” a todos discorrer, alguns detalhes cabiam somente aos “*rezadores*”, assim muitas vezes foi necessário completar o ideário de certas histórias em outras ocasiões conversando com os rezadores. Ainda assim, muitos assuntos eram de difícil explicação e algumas vezes foi preciso fazer analogias para que se fizessem entender. Em outros momentos, devido à larga influência dos não índios ao longo do tempo, as histórias eram permeadas por conceitos e estruturas de pensamento que não pertenciam ao ideário Guarani. Perceber a interculturalidade e resgatar, no discurso, o grau de originalidade desejado e necessário para a elaboração do material demandou tempo e muita sensibilidade.

Foram desenvolvidos cerca de dez temas onde se tentou, por meio de histórias contadas, estabelecer a relação entre a origem do mundo no olhar guarani e o seu modo de vida, seu cotidiano e a forma como os Mbya-Guarani se relacionam com a natureza, e com o mundo atual. Essas histórias foram escritas em português e em guarani de modo a atender ao bilinguismo e permitir que a utilização desse material na escola indígena propicie para as crianças indígenas uma interação com os dois idiomas.

As ilustrações para esses temas foram o resultado de um trabalho com as crianças guarani, que consistiu em apresentar os conteúdos das histórias de modo que elas pudessem criar um imaginário dos diversos temas e expressar o que entendiam na forma de desenhos. Obter esse resultado não foi uma tarefa simples, pois, embora tenha sido uma atividade lúdica e desenvolvida num ambiente de relaxamento e descontração, as crianças demonstraram alguma dificuldade em conceber uma imagem a partir de uma história que se lhes havia sido contada, mas vencidos os obstáculos os desenhos produzidos apresentavam um nível muito bom e adequado as necessidades de ilustração dos temas abordados e produzir esse material didático com ilustrações das próprias crianças guarani tem significativa importância na promoção da identidade Mbya-guarani.

## CONCLUSÃO

Foi produzido o material didático no formato de livro cujo título é **NOSSA SABEDORIA SOBRE A VIDA E O MUNDO**, com dez histórias escritas em português e guarani, ricamente ilustrado e uma parte final com atividades para serem trabalhadas pelo professor em sala de aula. O material produzido e sua distribuição nas escolas indígenas, se utilizado

adequadamente pelo professor indígena, poderá contribuir muito para a preservação do modo de vida guarani, sua maneira de ver o mundo e sua identidade étnica e cultural através das novas gerações.

## **BIBLIOGRAFIA**

**ÁLVAREZ** Leite, Lucia H. – La educación intercultural bilingüe: el caso brasileño – 1ª Ed. – Buenos Aires: Fund. Laboratorio de Políticas Públicas – 2008 - Foro Latinoamericano de Políticas Educativas – FLAPE ([WWW.foro-latino.org](http://WWW.foro-latino.org))

**GRUPIONI**, Luis D. B. – Experiências e Desafios na Formação de Professores Indígenas no Brasil - Em Aberto Brasília v. 20 n. 76 p. 13-18 fev. 2003

**LITAIFF**, Aldo – Os filhos do sol: mitos e práticas dos índios Mbya-Guarani do litoral brasileiro – RevistaTellus – ano 4 n. 6 p. 15-30 – abril 2004

**Daaley**, Roberta A. – Vocabulário do Guarani – Vocabulário Básico do Guarani Contemporâneo (Dialeto Mbya do Brasil) – Summer Institute of Linguistic Brasília, DF 1982

**Lei 9.384/96** – Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996

## **SITES CONSULTADOS**

<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Anonimo/EdInf/ceci.aspx> - acessado em 06/10/2009

<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1155/1054> - acessado em 06/10/2009